

MUSEOLOGIA E MUSEUS: os inevitáveis caminhos entrelaçados

Maria Cristina Oliveira Bruno

“... temos que colocar um primeiro dado também da realidade, do momento que a gente está vivendo dentro da ciência museológica ou da prática museológica. Há, na realidade, uma museologia existente, real, que está aí fora, e há uma museologia postulada, sonhada, desejada”

Waldisa Rússio (1984:65)

APRESENTAÇÃO

A reciprocidade entre uma Museologia real que permeia o cotidiano institucional dos processos museológicos, e uma outra, circunscrita ao cenário das utopias, poderia ser compreendida no âmbito das discussões ideológicas, opções metodológicas, ou mesmo no que se refere ao domínio das técnicas.

Entretanto, as evidências de uma Museologia que pensamos e ensinamos nos cursos de formação profissional, de um cotidiano de trabalho nos museus e de uma realização museológica que tem sido divulgada pelos canais de comunicação de massa, demonstram muito mais um confronto entre realidade e utopia.

Por um lado, a Museologia sonhada, por incrível que possa parecer, corresponde aos procedimentos de respeito às características técnico-científicas inerentes aos processos de musealização e, inclusive, a uma certa resistência dos profissionais que sabem – por dever de ofício – que a cadeia operatória museológica não pode ser negligenciada. Entremeadas a esses pressupostos encontram-se as expectativas e os desejos de um fazer museal inclusivo e democrático. Por outro lado, verifica-se uma prática museológica que é real, mas desrespeita as necessárias especializações técnicas e sobrevive, apenas em função de apoios político-empresariais pontuais, desprezando a discussão teórico-metodológica. Muitas vezes, esta Museologia da realidade reitera as características elitistas e excludentes.

Apesar dos esforços de inúmeras gerações de profissionais, um olhar brasileiro sobre os museus contemporâneos indica que eles convivem com estas duas dimensões museológicas – a sonhada e a real - pois, como sabemos, ambas têm mecanismos próprios de sobrevivência.

É possível identificar que os profissionais e os professores da área museológica sonham com o respeito às normas técnicas e às posturas metodológicas, com o trabalho interdisciplinar e, mais ainda, esperam que esta seja a Museologia vivenciada e aplicada pelos museus e, sobretudo, divulgada pela grande imprensa. Mas, este mesmo grupo está sempre atento às outras formas de manifestações museológicas, que via de regra são imediatistas, padronizadas pelas imposições do mercado ou pelos modismos mediados pela comunicação de massa, chegando muitas vezes a comprometer a preservação patrimonial e a acessibilidade aos bens culturais.

A prática museológica brasileira encontra-se ainda muito longe do respeito aos pressupostos teórico-metodológicos da disciplina Museologia.

Nas últimas décadas avançamos na discussão referente aos princípios, mas enfrentamos enormes dificuldades para sua implementação, no que se refere às tarefas de conservação, documentação, exposição e ação educativa da herança patrimonial que recebemos e temos a responsabilidade de legar para o futuro. Neste contexto, os museus ainda são muito vulneráveis às oscilações políticas, à falta de estrutura técnica e às imposições do marketing cultural. Avançamos, também, na ampliação das perspectivas para a formação profissional, a partir da multiplicação de cursos e do desdobramento dos trabalhos acadêmicos, mas ainda identificamos constrangimentos deste profissional capacitado encontrar espaço para o exercício museológico qualificado.

Entretanto, esses desafios nos mostram os caminhos que devemos percorrer para continuar avançando no equilíbrio entre intenções e discussões e a prática possível na construção dos processos museológicos.

Este texto tem o propósito de delinear algumas premissas constitutivas dos campos de ação museológica, como também, pretende comentar as respectivas reciprocidades com o perfil dos projetos de formação profissional e com o cotidiano dos museus.

Museus e Museologia: reciprocidades

Museologia e Museus têm caminhos entrelaçados, responsabilidades recíprocas e cumplicidade no que tange à função social. A Museologia, enquanto disciplina aplicada, pode colaborar com a sociedade contemporânea na identificação de suas referências culturais, na visualização de procedimentos preservacionistas que as transformem em herança patrimonial e na implementação de processos comunicacionais que contribuam com a educação formal. O Museu, por sua vez,

corresponde ao modelo institucional vocacionado à construção e à administração da memória, a partir de estudo, tratamento, guarda e extroversão dos indicadores culturais, materiais e imateriais (referências, fragmentos, expressões, vestígios, objetos, coleções, acervos), mediante o cumprimento de três funções básicas: científica, educativa e social (Léon, 1978).

Se a consolidação epistemológica dessa disciplina depende, em grande parte, de sua experimentação nos museus, estas instituições necessitam, em contrapartida, de orientação filosófica e conceitual, derivada dos paradigmas que alimentam a discussão em torno da Museologia. Neste sentido, o refinamento dos caminhos entre o sonho e a utopia reside na conciliação entre o desenvolvimento dos museus e as conquistas do pensamento museológico.

A bibliografia sobre a história dos museus é vasta, diversificada e caracteriza a importância destas instituições para as diferentes sociedades. Destacam-se, entre outros, Alexander (1979), Bazin (1967), Fernández (2001), Hudson (1975), Léon (1978), Pomian (1984), Poulot (1994), Shaer (1993). No Brasil, nos últimos anos, tem crescido o número de trabalhos que desvelam a historicidade dos processos museológicos, como por exemplo, Abreu (1996), Breffe (2003), Bruno (1999), Lopes (1997) e Lourenço (1997).

Essas análises, sob diferentes pontos de vista, coincidem em diversos aspectos quando sublinham que os museus contemporâneos são o resultado do humanismo do renascimento, do iluminismo do século XVIII e da democracia do século XIX. Com a origem vinculada aos traços culturais que herdamos da antiguidade, as instituições museológicas têm, também, raízes identificadas com os perfis das galerias, dos antiquários e dos gabinetes de curiosidades do renascimento, que, por sua vez,

marcaram com múltiplas influências o surgimento dos grandes museus europeus no século XVIII.

As coleções ecléticas provenientes das famílias reais e burguesas européias, o interesse pelo desenvolvimento do saber a partir de observações dos espécimes da natureza e da cultura material, além do contato entre diferentes povos mediante os distintos processos de colonização, estão na base da afirmação, proliferação e diversidade deste modelo institucional, que no século XIX alcançou os diversos continentes. Nesse período, já estava configurada a sua importância para a produção do conhecimento e apreciação estética, como também, já estava enunciado o seu comprometimento com a educação e com a preservação patrimonial.

Após os impactos da industrialização, do surgimento do objeto descartável e dos diferentes meios de comunicação apoiados na eletrônica e na informática, é possível afirmar que a noção sobre museu vem sendo profundamente repensada e expandida. Os museus têm assumido o desafio de trabalhar a partir dos mais diferentes acervos, para distintos segmentos das sociedades, em todas as regiões do mundo, procurando explicitar as características da nossa condição humana. Apesar dos reiterados questionamentos, crises de identidades e confrontos institucionais, os museus sobrevivem a estes impactos e ainda ocupam um lugar na formação das novas gerações, na equação que os governos estabelecem entre cultura e desenvolvimento, no cotidiano das pequenas comunidades, na programação cultural dos mais diferentes segmentos sociais dos grandes centros urbanos e representam um item importante na indústria do turismo. Nas palavras de Postman (1989), na abertura da 15ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus/ICOM, em Haia-Holanda,...”o museu é um farol da consciência social, um historiador do futuro, uma muralha contra a escuridão e o desespero, e um templo de

elevação do Homem e, por isso, um museu precisa dialogar com a sociedade”.

Com uma história longa, permeada pela preservação das expressões culturais e das ações de colecionadores, as instituições museológicas têm um singular comprometimento com a reflexibilidade dos olhares que têm enquadrado e selecionado os aspectos da realidade, gerando acervos de bens patrimoniais que sustentam a nossa herança cultural. A historicidade dessa longa caminhada é de interesse de diversas áreas de conhecimento, mas para a Museologia tem uma importância estruturadora, no que tange à organização disciplinar e à hierarquia das expressões do pensamento acadêmico. A bibliografia referente à Museologia, enquanto área de conhecimento, só muito recentemente tem sido sistematizada e incorporada às discussões que estabelecem os principais quadros referenciais dos limites e reciprocidades entre os campos de conhecimento.

Essa produção acadêmica tem valorizado três vetores de análises. Em um primeiro vetor, surgem os trabalhos dedicados à historicidade já mencionada; em seguida, aparecem os diagnósticos e análises de experiências museológicas e, em número menor, são evidenciados os textos teóricos que buscam elucidar os elementos constitutivos deste campo de conhecimento. Entre diversos autores que têm abordado as questões teóricas, podemos citar: Bellaigue (2000), Bruno (2000), Chagas (1999), Desvallées (1992), Mensch (1994), Moutinho (1994), Primo (1999), Rússio (1981), Stranský (1980), Varine-Bohan (1996).

Assim, o Museu como fenômeno histórico e a Museologia como fenômeno epistemológico, despertam interesses comuns e as respectivas reflexões possibilitam um cruzamento de análises que converge para os estudos sobre a função social do pertencimento, a singularidade da

ressignificação museológica dos bens culturais e a necessidade da educação da memória.

O perfil da bibliografia teórica, elaborada em torno de premissas museológicas, evidencia a tendência do conhecimento que importa à Museologia, com o propósito de demonstrar o seu objeto de estudo e não negligencia os problemas inerentes aos *objetos e espécimes da natureza* (enquanto fatos culturais), às *coleções* (como evidências das atividades de preservação de facetas da realidade), aos *acervos* (identificados como recortes culturais preservados pelos museus) e às *heranças patrimoniais* (reconhecidas como expressões das diferentes formas de humanidade). Em especial, são análises que procuram entender como os grupos sociais se relacionam com suas referências patrimoniais em distintos contextos culturais e quais são os caminhos metodológicos que os processos museológicos têm percorrido na construção das interlocuções com as sociedades. Esse perfil desvela, ainda, as reciprocidades entre as discussões teóricas e os desafios enfrentados por aqueles que se dedicam à formação profissional.

Nesse contexto, os pontos convergentes entre estudos conceituais, experimentações museológicas e o escopo de programas acadêmicos, podem ser sintetizados nos seguintes tópicos:

- a longevidade das atitudes individuais e/ou coletivas que têm impulsionado as sociedades, ao longo do tempo e em diferentes regiões, para seleção de objetos e espécimes da natureza (e coleções) para a apresentação da realidade e conseqüente preservação;
- a importância da decodificação das estruturas de longa duração e, ao mesmo tempo, das circunstâncias que causaram rupturas nos

processos que têm consolidado os caminhos do colecionismo, dos museus e das ações de musealização;

- a identificação da natureza dos procedimentos técnico-científicos, vocacionados para o tratamento e a extroversão dos bens patrimoniais que, uma vez articulados em uma cadeia operatória, conciliam as principais responsabilidades dos museus contemporâneos, no que se refere à salvaguarda e à comunicação;
- a compreensão sobre as particularidades da aplicação dos procedimentos museológicos, no que tange à natureza da evidência cultural musealizada, à especificidade do perfil institucional, à potencialidade do público a ser atingido, ou mesmo sobre a inserção geográfica do processo museológico;
- a distinção entre função social dos museus com acesso democrático aos produtos museológicos, e abandono dos princípios curatoriais em função da quantidade de eventos e do público a ser atingido;
- a necessária avaliação sistemática sobre o patrimônio musealizado, com vistas a um balanço entre lembranças e esquecimentos;
- a inserção das novas tecnologias e da virtualidade em um universo que tem privilegiado a evidência material da cultura (parcelas da realidade);
- a identificação dos limites e das reciprocidades entre preservação patrimonial e desenvolvimento sócio-econômico cultural, por intermédio da ação museológica.

A verificação desses tópicos tem contribuído para a organização científica da Museologia que, por sua vez, tem orientado a experimentação museal nas suas distintas instâncias ligadas à salvaguarda e comunicação, mas

tem igualmente consolidado os programas dos cursos de formação e capacitação profissionais.

Da mesma forma como ocorre em outras áreas de conhecimento, também para a estruturação da Museologia os esforços estão direcionados para a decodificação do seu objeto de estudo, para o estabelecimento dos procedimentos metodológicos, para o controle da linguagem (vocabulário controlado) no que se refere à descrição e análise dos fenômenos e, em especial, para a identificação de seu sistema teórico.

Museus e Museologia: campos e domínios de ação

A constituição dos parâmetros definidores e delimitadores do campo de ação museológica e de seu sistema teórico vem sendo delineada ao longo dos séculos, uma vez que se considerem os esforços técnicos relativos à identificação de coleções, à organização de acervos e o tratamento curatorial dos espécimes da natureza, dos objetos, dos registros do patrimônio intangível, como também se avaliarmos as iniciativas comunicacionais e de educação dos sentidos.

É uma área que se interessa em aproximar os objetos selecionados e interpretados dos olhares interpretantes e com expectativas difusas, e em resgatar dos indicadores da memória os diferentes sentidos e significados, ou melhor, é uma área que se preocupa em preservar a lucidez dos olhares perceptivos e seletivos - que se apropriam de referências culturais, coleções e acervos, constituindo instituições museológicas – mas, sempre, com a intenção de possibilitar a reversibilidade destes olhares, de permitir novos arranjos patrimoniais e novas apropriações culturais. Abrem-se, desta forma, múltiplos percursos de ressignificação.

A Museologia, em sua dinâmica interdisciplinar, tem colaborado para que os museus desvelem de forma qualificada as suas formas de representação e argumentação e se estabeleçam como lugares de apreciação, contestação e negociação cultural, mas também, como espaços de acolhimento e aprendizagem, tendo na ressignificação dos bens patrimoniais a sua principal característica.

Apesar de alguns descompassos, há uma consciência crescente, inclusive no Brasil, de que as instituições museológicas têm um papel relevante na sociedade contemporânea e que, para o desempenho de suas funções básicas, necessitam de suportes teóricos e procedimentos metodológicos adequados aos desafios que lhes são impostos.

É possível avaliar que a Museologia conta com uma trajetória de experimentações e análises que a coloca entre as disciplinas aplicadas, comprometidas com a construção e com os estudos dos sistemas da memória. Trata-se, portanto, de uma área de conhecimento que estabelece ligações cognitivas e afetivas entre as referências patrimoniais e os diferentes segmentos da sociedade contemporânea.

Os campos de ação museológica, em uma perspectiva panorâmica que ilustra e indica os principais desafios para o século XXI, podem ser desvelados a partir de diferentes critérios e múltiplas abordagens.

Para o interesse deste texto optou-se por apresentar uma reflexão, concentrando a atenção em três campos interligados do sistema teórico desta disciplina aplicada:

- CAMPO ESSENCIAL
- CAMPO DE INTERLOCUÇÃO
- CAMPO DE PROJEÇÃO

A partir deste olhar podemos propor que a *preocupação essencial* dessa disciplina está voltada para dois grandes problemas. Por um lado, *em um campo de interlocução*, emerge a necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro lado, *em um campo de projeção*, surgem os processos que possibilitam que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e essa, por sua vez, contribua com a construção das identidades.

Dessa forma, podemos considerar alguns parâmetros definidores e delimitadores deste campo essencial, sempre amparados pela perspectiva de produção de conhecimento e pela vocação preservacionista. Entendemos que todas as operações museológicas – direta ou indiretamente – devem consolidar bases de pesquisa, com vistas à produção de novos conhecimentos, organização de estudos técnicos e valorização de saberes tradicionais.

Propomos, como ênfase desta reflexão, que ações deste campo essencial sejam orientadas para os caminhos preservacionistas. Assim, consideramos que *pesquisa* e *preservação* constituem os parâmetros definidores e elementares, enquanto que os parâmetros delimitadores do campo essencial de ação museológica se consolidam a partir da dinâmica da cadeia operatória dos procedimentos de *salvaguarda e comunicação*, sempre amparados pelas perspectivas delineadas pelas ações de *planejamento e avaliação*.

Por um lado, as ações de salvaguarda se incumbem dos problemas de conservação e documentação e, por outro, os problemas de exposição e ação educativo-cultural ficam entrelaçados nas ações de comunicação. São campos de ações interdependentes, com profundas reciprocidades cotidianas e que exigem esforços de todos os profissionais envolvidos, na busca de procedimentos comuns, na construção de edifícios adequados às funções museológicas, em metodologias de trabalho compatíveis com as distintas especialidades e constante abertura para percorrer novos caminhos profissionais.

São caminhos percorridos cotidianamente, com o objetivo de construir processos de trabalho e estabelecer as relações entre a sociedade e seu patrimônio musealizado.

Esses mesmos caminhos são permeados por tensões. Algumas acumuladas ao longo do tempo pelas rotas processuais interrompidas, outras impostas por uma demanda acima das delimitações técnicas. Há aquelas surgidas pela negligência a que muitas das nossas instituições estão submetidas. Mas há também as tensões entre as gerações de profissionais, entre a atualização das distintas responsabilidades técnicas no âmbito da Museografia, entre a atuação dos museus e a resolução dos problemas socioculturais do público, entre muitas outras.

As tensões são importantes, pois, ao mesmo tempo nos estimulam e conduzem à reflexão sobre o *campo de interlocução*, permeado por problemas relativos ao exercício da interdisciplinaridade para a consolidação dos projetos museológicos; à valorização da visão processual para as ações de musealização; aos impasses inerentes à acessibilidade – de forma e conteúdo - das instituições museológicas e, sobretudo, às definições e proposições sobre o papel que os museus podem desempenhar para a inclusão sociocultural.

No que diz respeito ao campo de projeção, surgem, cada vez mais, novas estratégias para dar visibilidade às instituições e novos desafios para a sustentabilidade deste complexo universo de salvaguarda e comunicação patrimoniais. Discute-se muito, também, a função social dos processos de musealização e como eles podem se transformar em um marco de desenvolvimento.

Refletir sobre os museus e suas distintas inserções sociais significa, ainda, tocar nas questões que são esquecidas, no imenso universo dos valores que são excluídos, na partilha dos sentidos e significados e na eficácia da amnésia cultural. Nestes momentos não se pode deixar de considerar que, durante muito tempo, os museus atuaram a partir de saques e espoliações, que impediram a emergência das contradições.

Se na gênese da constituição dos museus, no final do século XVIII, podemos identificar o ideal iluminista de propriedade pública do patrimônio cultural, também podemos afirmar que a exacerbação da atitude preservacionista tem revigorado o sentido de propriedade individual sobre o bem cultural. A idéia de posse, herdada do colecionismo encontra, ainda hoje, espaço fértil para o seu exercício, muitas vezes confundindo as esferas públicas e privadas.

Nas últimas décadas, os museus têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens mistas. Estas instituições experimentam novos modelos de gestão, aproximam-se em programas de redes e sistemas, sem, entretanto, perder a noção de seu campo essencial de atuação.

Nesta busca incansável pela consolidação de seus campos de ação, a Museologia tem possibilitado uma singular contribuição no que se refere à valorização da auto-estima dos indivíduos e das sociedades, como também tem colaborado com o refinamento da noção de pertencimento. Esta singular contribuição pode ocorrer a partir dos museus pequenos e comunitários, até as grandes e complexas instituições, passando pelos museus especializados, pelas redes museológicas, enfim, por todo tipo de instituição e em todo lugar, pois, na verdade, a Museologia tem uma ação globalizada. Entretanto, os desafios persistem e podem ser identificados nos quatro desafios indicados:

- refinar as metodologias de trabalho de salvaguarda e comunicação, a partir do exercício profissional cotidiano;
- implementar procedimentos sistemáticos de planejamento e avaliação com vistas à prestação de contas à sociedade;
- desdobrar as potencialidades de acesso aos processos de musealização, ampliando os espaços de ação e desdobrando os conteúdos;
- especializar os olhares profissionais a partir do ensino acadêmico.

Finalmente, cabe lembrar Mario de Andrade (1938) que afirmou : “o que nos interessa nos museus não é a sua transformação técnica, mas a sua transformação moral”.

Bibliografia:

- ABREU, R. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALEXANDER, E. *Museums in motion: na introduction to the history and functions of museums*. Nashville: American Association for State and Local History, 1979.
- ANDRADE, M. *Museus Populares*. IN: Problemas- Revista Mensal de Cultura. São Paulo. 1938.
- BAZIN, G. *Le temps des musées*. Bruxelas: Desoer, 1967.
- BELLAIGUE, M. *22 ans de réflexion muséologique a travers de monde*. Cahier d'Étude=Study Series. Paris, 2000.
- BREFE, A. C. F. *O Museu Paulista. Affonso de Taunay e a memória nacional 1917 – 1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BRUNO, M.C.O. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999 (Cadernos de Sociomuseologia, 17).
- *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono. São Paulo, 2000 (tese de livre docência/ Universidade de São Paulo)*.
- CHAGAS, M. *Há uma gota de sangue em cada museu*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999 (Cadernos de Sociomuseologia, 13).
- DESVALLÉES, A. *Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie*. Mâcon: Edition W, 1992 (vol 1) e 1994 (vol 2).
- FERNÁNDEZ, I. A. *Museologia y museografía*. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 2001.
- HUDSON, K. *A Social History of Museums: what the visitors thought*. London: MacMilan, 1975.

-
- LÉON, A. *El Museo: teoría,práxis y utopia*. Madrid:Ediciones Cátedra,1978.
- LOPES, M.M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais do século XIX*. São Paulo: HUCITEC,1997.
- LOURENÇO, M.C.F. *Museus acolhem Moderno*. São Paulo : EDUSP, 1999.
- MENSCH, P. *Objeto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro:UNI-RIO/UFG, 1994.
- MOUTINHO, M. *A Construção do Objeto Museológico*. Lisboa:Universidade de Humanidades e Tecnologias, 1994.
- POMIAN, K. *Coleção*. IN: Enciclopédia Einaudi. Lisboa, 1984.
- POSTMAN, N. *Museus: geradores de cultura*.Haia:ICOM,1989 (texto impresso).
- POULOUT, D. *Bibliographie de l' histoire des musées de France*. Paris: Éditions du Comitê des Travaux Historiques et Scientifiques,1994.
- PRIMO, J. *Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999 (Cadernos de Sociomuseologia, 15).
- RÚSSIO, W. *L'Interdisciplinarité em Museologie*. IN: Museological Working Papers. Stockolm,n 2, 1981.
- Texto III. IN: *Produzindo o Passado – Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SCHAER, R. *L'Invention des Musées*. Evreux: Gallimard, 1993.
- STRANSKÝ, Z. *La Museologie:science, ou seulement travail pratique du musée ?*. IN: Museological Working Papers. Stockolm, n 1, 1980.
- VARINE-BOHAN, H. *Respostas de Hughes de Varine às perguntas de Mário Chagas*. Lisboa: Universidade de Humanidades e Tecnologias, 1996 (Cadernos de Sociomuseologia,5).